

Meu coração seja tão Minas Gerais

Carta aberta de uma paulista com o coração em ruínas inspirados pela banda mineira Lupe de Lupe

Por Larissa Vitoriano

Dizem que não há amor em SP, mas em BH eles tem de sobra. É foi para lá que as minhas memórias se voltaram nesse domingo, às seis da manhã, voltando de mais uma balada suja da Augusta.

Todos aqueles prédios, estruturas e concreto congelaram as minhas visões. Eu juro que eu sinto, eu juro que minto, que eu não me ressinto, que eu não estou feliz de ter dado as costas para minha cidade, mas ela não me deu promessas.

A vida aqui está difícil com essa galera conservadora. Jovens que tem a loucura de pedir para separar a gente de todo o país. Mas vamos continuar unidos, pois eu me vejo em você e você se vê em mim, cantando isso sempre sem imaginar que tudo se tornava parte de mim.

Perdoe-me pela rima brega, mas o amor é assim. Alguma coisa acontece com o meu coração, toda vez que eu saio do metrô Consolação. Você não está aqui, mas eu estou aí, imaginando os discos, fotografias e quadros expostos na Praça da Liberdade.

Minha cidade está em ruínas e não há nada que eu possa fazer. Não há nada que possa fazer. Para onde vão os meus amigos, quando cada um deles morrer? Eu não quero estar longe, mas também não quero ficar aqui.

Não confie em ninguém que tenha menos de trinta anos, bem sucedido e sorridente ao caminhar na Paulista. Nessa cidade, quando se tem 17, já é preciso saber o que fazer. Já é preciso viver sem saber viver.

As oportunidades estão aqui, o trabalho está aqui. Lá, você não será ninguém, você não

tem família. Mas quem disse que eu sou algo aqui? Quem disse que ter uma carteira assinada é ser alguém?

Hoje eu não vou sair, nem vou colocar Milton para tocar. Muito menos Constantina ou Lupe de Lupe. Esse sotaque mineiro do Victor Brauer me lembra você. Esse jeito devagar de cantarolar me lembra sua terra, seu apartamento e os shows que nós fomos deles.

Eu falo alto, toco alto, bebo, grito e choro. Meu coração não é mediano, muito menos mineiro. Já perdi as contas de quantas vezes eu já chorei no banheiro dos botecos escrotos da Sé por sentir sua falta. E ainda permaneço aqui, resistente e formal como o Copan na República.

Eu quero voltar de novo no Mercado Central, comprar potes de doce de leite e tomar café quente com você. Descer na Estação Santa Teresa do metrô e ir naquele bar do Clube da Esquina.

*Faz tempo que eu não vejo você. Essa saudade dói mais que beber mercúrio. Essa cidade me desgasta. Eu quero estar aí, andando à noite na Pampulha bebendo cerveja vagabunda e olhando para esse seu sorriso de dentes tortos. Decidi acabar com esse sofrimento todo, e prometi pegar um ônibus no Terminal Tietê. Após oito horas do contraste de árvores, prédios e pessoas vistas pela janela, ao som dos álbuns *Sal Grosso*, *Quarup* e *Distância*, só vou descer na Rodoviária de BH.*

No meu RG está escrito São Paulo como o lugar onde eu nasci, mas acho que por sonhar demais, meu coração seja mesmo é de Minas Gerais.

